

25-02-2021

ROSA PARKS**Cyleide Lourenço**

[Cozinheira. Trabalhadora tagarela]

Boa tarde. Gravo esse meu primeiro texto num sábado à tarde. Meio da tarde, por volta das 3 horas. O dia é 20 de fevereiro de 2021. Como falei, é um texto gravado. Pedi à minha sobrinha Tiana para escrever o que eu penso. Não tenho filhos, mas tenho sobrinhas. Tiana está na faculdade. Escreve bem. Como eu não escrevo muito bem porque só terminei o nível médio pedi a ela pra me ajudar. Ela adora essas coisas ... as coisas que eu falo. E eu adoro saber das coisas que ela estuda. Quando eu falei que uma amiga tinha me convidado pra escrever das coisas que eu falo, Tiana foi rápida. “Tia, vai fundo, eu te ajudo.” Ela logo pegou o celular e falou pra eu falar o que eu quisesse que depois ela dava um jeito de escrever sobre o que eu queria falar. Tomei coragem para estar aqui. Minha amiga falou de algumas figuras ilustres que falam aqui sobre as coisas que eu gosto de falar com minhas sobrinhas, minhas amigas e com as pessoas da minha religião. Minha avó Doninha era analfabeta e me ensinou a cozinhar e a só acreditar em quem era pra acreditar. Quando eu lhe perguntava em quem eu devia acreditar ela dizia que era para eu olhar pros pés das pessoas. Ela não explicou, mas entendi, demorei a entender mas entendi. Hoje confio nas pessoas, quando confio em seus pés. Olho para os pés e entendo as coisas. Vó Doninha também dizia que se eu tivesse dúvida dos pés, principalmente em dias de festa, que eu olhasse para o movimento das mãos. Hoje eu acho que erro pouco em matéria de confiança. Primeiro olho para os pés, depois olho para os movimentos das mãos. Posso até errar, mas faço galhardia de honrar a memória de Vó. Tenho 40 anos. Sou cozinheira e faço trabalho comunitário com comida pro estômago e com comida pra cabeça, com as coisas que cozinho e com as coisas que falo. É disso que a sobrinha Tiana gosta. Enquanto cozinho vou falando coisas que ajudam a cabecear. Cabecear não é aquela jogada do futebol que o jogador chuta com os pés na cabeça. Cabecear é mexer a cabeça prum lado ou pra outro quando a pessoa entende o que você disse. E quando eu fico cozinhando eu sempre digo alguma coisa pras pessoas cabecearem. Eu dou sempre uma olhadinha pro lado por cima das panelas pra ver se o cabeceio é de um lado pra outro ou é de cima pra baixo. Gosto de ver que a maior parte das vezes é de cima pra baixo. É o sim. Parece que concordam com o que eu falo enquanto enrosco as panelas. Pra me sustentar sou cozinheira de aluguel e de arrendamento. O povo que me aluga (contrata) é gente de classe média - média baixa, média média e média alta -. Sou cozinheira de arrendamento porque só cozinho conversando e falando o que eu penso, adoro debater. Dizem que falo pelos cotovelos... Quando sou contratada pra cozinhar em casa de gente que te olha da cabeça aos pés e não dá prosa durante os cozinhamentos, eu me calo. Olho pros pés das pessoas por perto, olho pros movimentos das mãos e arrendo a corda da relação de aluguel, na primeira oportunidade.

É por isso que sou de arrendamento. Mostro as panelas com tudo o que foi combinado e falo a frase que já estou acostumada: “Tá, pronto, pode me pagar, por favor, que eu tenho outro compromisso.” Tiana tinha colocado ponto de interrogação nessa frase, eu tirei a interrogação e disse a ela que eu nunca perguntava, eu sempre afirmava. Mas eu estou aqui não é porque tenha qualidades culinárias (modéstia à parte), é porque durmo pouco e vejo muitos documentários e filmes de história e de política. Fátima, minha amiga que me estimulou a escrever, falou que eu tinha a capacidade de encarnar os personagens dos filmes que assisto quando falo deles. Acreditei porque tem a ver com os mistérios da fé que me move. E tudo começou com a conversa sobre Rosa Parks. Quando vi aquela mulher, que podia ser eu, minha mãe, minha avó, as mulheres que me antecederam, negar-se a levantar de um ônibus para dar lugar a um homem branco, eu pensei: “Eu preciso ser ela...” O que eu quero dizer é que nós precisamos ir além de negar a dar lugar num ônibus só porque um homem branco exige. Quando vi o filme de Rosa Louise McCauley, aumentei meu repertório (acho que é assim que se fala) herdado de minha vó. Além de olhar para os pés e o movimento das mãos passei a olhar nos olhos dos brancos e, logo, de todas as pessoas de qualquer cor. Descobri que é nos olhos dos brancos (muitos deles) que repousa o ódio racial. E que nos olhos dos negros (muitos deles) repousa a submissão da cor. Quando Rosa Parks (nome de casada), antes de ser presa, lembrou que ainda menina disse a seu avô que achava que odiava os brancos. Ele lhe respondeu:

“Precisa lembrar-se de algo. É tão capaz quanto qualquer um. Brancos, negros ou verdes com listras. Nunca tenha medo do que possa acontecer com você, se lutar pelo que é certo.”

A primeira vez que fui chamada na casa de um grã-fino para fazer um jantar chic, eu não sabia que eu já era Rosa Parks, sem conhecê-la. Ninguém nos ônibus, da Penha ao Leblon, exigiu que eu levantasse para se sentar no meu lugar. Não me passava na cabeça que algum dia isso pudesse ter acontecido em algum lugar do mundo. Só muitos anos depois que descobri: essas coisas aconteciam, por lei, nos Estados Unidos, em 1955 - Vó Doninha tinha 16 anos nessa época. E quando eu nasci, 26 anos depois, ela só me ensinou a cozinhar. Eu ainda não conhecia o racismo de forma tão explícita e tão sórdida. Foi Rosa Parks que me mostrou que existia e existe. Só então comecei a olhar pros pés e pras mãos das pessoas brancas. Vi que muitas delas não exigiam que eu levantasse, mas gostariam, se pudessem... Vim aqui pra contar pra vocês que cozinhar bem é uma das muitas formas políticas de nos manifestarmos, seja cozinhando em mutirões comunitários, seja falando sobre injustiça e miséria durante o cozinhamento. Muitos meninos e meninas aprendem a cozinhar comigo e tenho duas mulheres que me acompanham no cozinhamento: Vó Doninha e Rosa Parks. E é verdade o que dizem de mim: falo pelos cotovelos. Fátima, certa vez, disse que eu devia me candidatar ao Master Chef. Eu dei uma gargalhada. Nada a ver, eu disse. Pois se o que eu mais gosto da cozinhação é ficar falando de miséria e injustiça, como é que eu vou virar chef? Sou cozinheira tagarela e assim vou continuar... ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.